

A CONSTITUIÇÃO GENEALÓGICA DE UMA SUBJETIVIDADE ÉTICO-POLÍTICA A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT¹

Sergio Fernando Maciel Corrêa²

Resumo: As pesquisas e cursos de Michel Foucault do início dos anos 80 do século passado costumam ser analisadas a partir ética e só da ética. Contudo, para nós o pensador francês não deixa de lado a política para cuidar da ética. Ao contrário, o filósofo tem uma teoria política completa e que oferece categorias de interpretação para a política do presente. Uma destas categorias é a constituição do sujeito político que passa pela análise da formação ético-moral da subjetividade política. Este texto cumpre a tarefa de retomar o estudo de Michel Foucault a partir de uma perspectiva de constituição da subjetividade ético-política. Ao final tratamos de uma ação política que se mede pela prática e pelo exercício de si, isto é, com a constituição de uma subjetividade ética da própria conduta política através da noção de *parresía*. Por consequência, estabelecemos um entrelaçamento entre saber, poder e moral como fundamento de uma virtude ético-política que veio a resultar mais adiante na noção de espiritualidade política, tema de um artigo futuro.

Palavras-Chave: Sujeito; Subjetividade; Ética; Política.

Resumen: La investigación y los cursos de Michel Foucault de principios de los años 80 del siglo pasado generalmente se analizan desde la ética y solo desde la ética. Sin embargo, para nosotros el pensador francés no deja de lado la política para cuidar la ética. Por el contrario, el filósofo tiene una teoría política completa que ofrece categorías de interpretación para la política del presente. Una de estas categorías es la constitución del sujeto político que pasa por el análisis de la formación ético-moral de la subjetividad política. Este artículo cumple la tarea de retomar el estudio de Michel Foucault desde una perspectiva de constitución de la subjetividad ético-política. Al final, nos ocupamos de una acción política que se mide por la práctica y el ejercicio de sí misma, es decir, con la constitución de una subjetividad ética de la conducta política misma a través de la noción de *parrhesía*. En consecuencia, hemos establecido un entrelazamiento del conocimiento, el poder y la moralidad como la base de una virtud ético-política que llegó más tarde a la noción de espiritualidad política, tema de un artículo futuro.

Palabras clave: Asunto; Subjetividad; Ética; Política

¹ Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida na Universidade de Cádiz na Espanha com recursos da bolsa de pesquisa da *Fundación Carolina* daquele país.

² Doutor em Filosofia Social e Política pela Unisinos e Professor do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus Videira* – SC. E-mail: fer_ser29@gmail.com CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8396873560896914>

Introdução

A produção acadêmica de Michel Foucault do início dos anos 80 do século passado costuma ser interpretada a partir ética e só da ética. Contudo, na minha perspectiva o filósofo não abandona a política para tratar da ética. Ao contrário, o pensador francês tem uma teoria política completa e que oferece categorias de interpretação para a política do presente. Uma destas categorias é a constituição do sujeito político que passa pela análise da formação ético-moral da subjetividade política. Este texto cumpre a tarefa de retomar o estudo de Michel Foucault a partir de uma perspectiva de constituição da subjetividade ético-política.

Quando o pensador francês aborda várias fontes da Antiguidade Clássica para sustentar as suas teses não faz como um mero historiador apesar de incluir a problematização dos médicos, juristas e filósofos da Antiguidade Clássica, bem como textos latinos e gregos dos primeiros dois séculos da nossa era. A busca deste “Foucault tardio” é por definir as condições nas quais o ser humano ‘problematiza’ o que ele é, e o mundo no qual vive, uma questão ética por excelência, mas que remete de imediato para as relações políticas que os sujeitos mantêm entre si.

Esta problematização da qual o autor de *O Cuidado de Si* trata é o modo pelo qual os “sujeitos” interpretam a si mesmos e conferem sentido às suas práticas morais e políticas no campo da sexualidade. A condição de possibilidade que o indivíduo tem de refletir suas ações e de interpretá-las livremente – não com somente com a intenção única de fixar regras de conduta, mas transformar-se a si mesmo, de ser artífice da própria existência – é o que Foucault nomeia de “artes da existência”, ou “estéticas da existência”. Neste caso, o filósofo francês deixa claro que não quer fazer análises comportamentais, sociológicas ou ideológicas. Não obstante, quer analisar: “as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam” (FOUCAULT, 2010a, pp. 18-19).

A formação ético-política da subjetividade

Nos textos de 1984, sobretudo, no segundo volume da *História da Sexualidade* é possível identificar três significados distintos para a noção de moral, aos quais se remeterá a ética em Michel Foucault. O primeiro significado para a moral (FOUCAULT, 2010a, p. 33) diz respeito a um conjunto de valores e regras de ação proposto aos indivíduos por meio dos sistemas educativos, dos tradicionais modelos familiares, das práticas de religiosidade

instituídas e dos costumes políticos. Contudo, estas regras e valores nem sempre são bem ensinados nas instituições escolares; os responsáveis pela família não os transmitem como deveriam fazer e o debate político não acompanha com mesma velocidade que os dilemas morais se apresenta para a coletividade. No campo da religião, estes valores e regras raramente são portadores de coerência e enfrentam dificuldades para serem postos em prática e corretamente ensinados.

Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. (FOUCAULT, 2010a, p.33).

Neste caso, o sujeito ético desta moral pode encontrar brechas e fugir das responsabilidades morais e políticas que essas normas prescrevem a ele. Entendida desta maneira, a moral é alvo de problematizações e inúmeras tergiversações e tensões de poder-saber entre os indivíduos. Nesta perspectiva, a moral é percebida como uma exterioridade na qual o sujeito tem que moldar sua conduta. A moral aqui é entendida como a normatividade externa ao sujeito que pode ou não afetar as condutas.

Se na introdução do nosso texto dissemos que Foucault é pensador da ética e da política, por outro lado há quem problematize a real contribuição de Michel Foucault para a ética. Estes autores sustentam que ele é mais um genealogista da ética do que verdadeiramente um teórico da ética. Um exemplo trazemos a partir do artigo *Freedom, Truth, and Possibility in Foucault's Ethic* texto que se dedica a tratar da questão se o filósofo francês é um pensador da ética ou um genealogista da ética. O artigo se propõe a esta tarefa a partir dos dois últimos volumes da *História da Sexualidade*. O problema é postonestes termos:

While it is true that Foucault in his last works did turn to the ancient Greeks (and Romans) in order to examine a certain number of practices that some of them engaged in with specific regard to the way these practices enacted a particular way of relating to oneself, and which Foucault himself characterized as “ethical,” such an attempted “genealogy of ethics” would hardly qualify him as being “one of the major ethical thinkers of modernity,” if only because of the restricted scope of his enquiry” (FILLION, 2005, p. 50).

O segundo sentido da noção de moral, para Foucault, se relaciona com o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e aos valores que lhe são propostos e

impostos pela cultura e pelas práticas políticas formais e não formais. Nessa situação, o fator a ser considerado é a intensidade do comprometimento que o sujeito tem para com o tipo de conduta que os costumes políticos exigem dele. Em tal caso, haverá obediência aos costumes políticos ou resistência a essesmesmos costumes. Também há possibilidade de alternância entre obediência e resistências às regras de convivência.

O estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara. Chamemos a esse nível de fenômenos a "moralidade dos comportamentos" (FOUCAULT, 2010a, p. 34).

Um campo de pesquisa para a filosofia moral se abriria aqui na procura por determinar de que maneira e com que intensidade ocorrem as relações políticas na obediência e na transgressão a esses sistemas prescritivos por parte dos sujeitos que os compõem. Contudo este aspecto será utilizado no âmbito da política, cuja *parresía*, o conceito fundamental dos últimos três cursos de Michel Foucault e que significa a coragem falar a verdade na arena política e é também uma forma elementar de resistência e até mesmo de transgressão aos modos de governamentalidade biopolíticas das condutas.

O terceiro sentido da noção de moral diz respeito à maneira pela qual é necessário “conduzir-se” – isto é, a maneira pela qual o indivíduo deve fazer-se a si mesmo como sujeito ético-político de sua conduta. Esta definição resulta em destinar a si mesmo como sujeito moral do próprio comportamento ético-político³. Ao tratar desta associação entre ética e política, um texto relativamente antigo questiona a produção de Michel Foucault nestes termos: “Is Foucault, who continues to live among us, a creative carrier of a generous sensibility? Or a dangerous thinker who threatens political restraint by scrambling fundamental parameters of morality?” (CONNOLLY, 1993, p. 365). O autor coloca Michel Foucault como um dos herdeiros do pensamento de Nietzsche e é firme em sustentar que nesta tradição é uma incoerência separar os estudos da moralidade das práticas políticas:

A moralist often (but not always) thinks that a moral code can be separated from other elements in social and political practice and presented more or less systematically, whereas a post-Nietzschean thinks that, at best, an ethical sensibility can be cultivated that informs the quality of future interpretations, actions, and relationships (CONNOLLY, 1993, p. 369).

³ De certa forma tratamos desta questão em outro texto. Na ocasião sinalizamos para uma qualidade ética dos sujeitos que “Pressupõe capacidade de mando e de obediência e, em certa medida, coragem e responsabilidade política” (CORRÊA, 2016, p. 19).

Diante dessa complexidade, a conduta moral do indivíduo não pode ser avaliada meramente segundo estes mesmos valores e regras de ação. Em relação a esta definição, Michel Foucault conduz a sua reflexão a partir da concepção de “trabalho ético” e “substância ética”, que se refere ao conjunto de ações e atitudes adotadas com relação a si mesmo (cultura de si), às atitudes ascéticas dos exercícios espirituais (*Askesis*) e se referem também a uma estética da existência (a forma mais bela de um modo de viver possível), que é atitude ética, mas também a ação política, já que a prática da *parresía* neste âmbito é expressão maior de um *éthos*, como sustenta Foucault: “A chave da atitude política pessoal de um filósofo não deve ser buscada em suas ideias, como se pudesse delas ser deduzida, mas sim em sua filosofia de vida, em sua vida filosófica, em seu *éthos*” (FOUCAUT, 2006, p. 219)⁴.

Nos dois primeiros casos trataríamos de uma moral situada no campo específico do saber e/ou das relações jurídicas-políticas do poder. O poder é impessoal, dinâmico e está entrelaçado com o saber, daí sua característica microfísica. Nesse quesito se apresenta um duplo inseparável: o do saber-poder. O saber supõe formas determinadas de sua constituição e o poder presume regras coercitivas claras. Uma questão se coloca: qual modelo ético-político (se é possível) é pensado por Foucault, já que não é possível pensar uma ética normativa (o segundo caso) e nem uma epistemologia moral (o primeiro caso). Questão semelhante é a colocada pelo artigo: *La problemática ética en la obra de Michel Foucault* de 1992. O autor, assim como (FILLION, 2005), se põe a questionar se é possível uma ética em Foucault já que o filósofo não procura por uma ética normativa e nem por uma moral universal. A ética se constituiria a partir das problematizações destes discursos normativos e universalizantes. “Foucault no propone una ética hacia la cual los hombres deban acomodar sus actos y su conciencia; la ética se plantea en sus obras bajo una luz nueva, en la medida en que llega a problematizar los discursos éticos” (PARDO, 1992, p. 138).

Gilles Deleuze afirma que é neste ponto que Foucault supera as questões do Saber e do Poder e parte para uma análise das subjetividades. Neste caso, o terceiro Foucault estaria para além do Saber-Poder e seria o Foucault da subjetividade ética. Em vista disso, Foucault procuraria nos modos de subjetivação antigos alguma chave para pensar uma ética contemporânea, ou seja: o nós hoje. Segundo o autor, a subjetividade ética parte desta premissa: “Trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de

⁴ Trata-se da entrevista *Politics and ethics: an interview* concedida a Paul Rabinow, Richard Rorty e Charles Taylor em 1983 na Universidade de Berkeley em língua inglesa;

vida (mesmo o suicídio faz parte delas) (DELEUZE, 1992, p. 123).

Em vista disso, uma ação ético-política não se revelaria nos códigos e nem nas práticas culturais mais abrangentes, mas pelos hábitos e modos de comportamento que dizem respeito ao estilo de viver do sujeito e da sua maneira de se conduzir, no sentido de que: “É preciso a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é” (FOUCAULT, 2006, p. 219). Com efeito, uma ação ético-política possível em Michel Foucault é aquela que emana de um trabalho de si sobre si mesmo, ou seja, “Uma política como ética”(FOUCAULT, 2006, p. 220).

No outono de 1982, Foucault vai ao EUA, na Universidade de Vermont participar do Seminário *Technologies of the Self* e pronuncia uma conferência com o mesmo nome: Tecnologias de si. Nessa conferência, como é seu costume, o filósofo francês iniciou fazendo um balanço metodológico da própria obra e destaca quatro momentos distintos da sua atuação:

As a context, we must understand that there are four major types of these "technologies," each a matrix of practical reason: (1) technologies of production, which permit us to produce, transform, or manipulate things; (2) technologies of sign systems, which permit us to use signs, meanings, symbols, or signification; (3) technologies of power, which determine the conduct of individuals and submit them to certain ends or domination, an objectivizing of the subject; (4) technologies of the self, which permit individuals to effect by their own means or with the help of others a certain number of operations on their own bodies and semis, thoughts, conduct, and way of being, so as to transform themselves in order to attain a certain state of happiness, purity, wisdom, perfection, or immortality, (FOUCAULT, 1988, p. 18).

Não é uma ação ético-política do código moral coercitivo ou da formação moral dos sujeitos, através de uma tecnologia de signos e significações morais, que possibilitaria o aprendizado do sujeito desse sistema de moralidade. Trata-se de uma ação do indivíduo sobre ele mesmo que não vise à aquisição das verdades do código, mas da preparação e do exercício constante para a prática da liberdade. (FILLION 2005) Vê problemas em articular mais a ética com a política e deixar de lado questões epistêmicas. Porém, como o próprio Foucault sustenta que ação política vem de uma forma de vida que implica a compreensão de si mesmo, como sujeito moral da própria conduta, não consideramos relevante a ausência explícita de uma epistemologia moral na sua abordagem.

Contudo, vale a reflexão: “his project can be seen as decoupling ethics from epistemology and reconnecting it to politics, or more precisely, to the formation of a political

sensibility that sees truth (fulness) in a certain kind of freedom, as opposed to seeing our freedom confirmed or granted by a certain kind of (mode of relating to the) truth” (FILLION, 2005, p.58). Por outro lado, é certo que o sujeito está em constante relacionamento com esses regimes de verdade e de poder que querem condicionar a sua ação no mundo. Este paradoxo da ética em Foucault é demonstrado no artigo, *Dar cuenta de la interpelación: inscripción de la alteridad y construcción del sujeto ético*” onde o autor registra: “la idea de que el sujeto se vea producido, sin más, por la matriz normativa en la que emerge, tanto como la creencia en una libertad radical respecto a la misma (el sujeto no está determinado por la matriz normativa, ni existe forma alguna de emancipación definitiva respecto a esta)”. (NAVARRO, 2010, p. 25).

Em síntese, o sentido de uma atitude ético-política possível em Michel Foucault precisa ser apreendido como exercício da liberdade voltado sempre ao presente. Neste sentido que é possível compreender a noção de uma “subjetividade antiga para um *ethos* contemporâneo”. Não se trata de uma reconstrução do modo de ser do sujeito antigo, mas sim uma arqueo-genealogia de nós mesmos e do nosso presente histórico. O mesmo vale para a análise conceito de *Parresía*. Não se trata de uma dissecação do conceito em sua historicidade Greco-romana, mas de analisar em que medida essa prática de verdade ainda é necessária para a consolidação dos modos de ser da política e da ética contemporânea. Deste modo, concordamos mais uma vez com Deleuze:

Conforme a seu método, o que interessa essencialmente a Foucault não é um retorno aos gregos, mas nós hoje: quais os nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida, ou nossos processos de subjetivação, será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas” para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em Jogo? (DELEUZE, 1992, p. 124).

Processos de subjetivação e a ação ético-política

Uma ação política fruto da atitude ética tem como atributo principal a análise e a tomada de atitude crítica frente aos mecanismos de verdade e de poder que agem sobre o “sujeito”, na tentativa de determinar o seu ser e a sua conduta. Não se trata de uma ação que traz em seu bojo a concepção de uma teoria política sistematizada previamente, cujo objetivo seria sua efetivação no mundo, mas são: “Questões da atualidade e da história, como problemas morais, epistemológicos e políticos” (FOUCAULT, 2006, p. 220). Este processo de subjetivação que pode ser nomeado a partir da obra de Foucault como “substância ética”

e/ou “trabalho ético” indica para um hábito constante de reflexão e problematizações que resultam na constituição de si como sujeito ético da própria conduta política: “Isto é, a maneira pela qual o indivíduo deve constituir tal parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral” (FOUCAULT, 2010a, p. 34).

A questão da formação da subjetividade e as suas relações com a política não é um problema exclusivo de Foucault, mas outros pesquisadores também já estudaram o tema como, por exemplo, o artigo *Socratic Parrhesia and its Afterlife In Plato’s Law* sem que a autora afirma que a ação política de Sócrates não era interessada, mas brotava dos deveres cívicos de cidadão. Neste sentido, sustenta-se a tese de que Sócrates não quis fazer carreira na política, mas sua ação sempre brotou de um *éthos* individual. A autora traz também a questão da voz interior de Sócrates que o impelia mais para o cuidado do *éthos* do que da *politéia*.

As a matter of fact, the conduct for which the Athenians are going to convict him is actually the greatest good both for the individual and for the city. This conduct (undertaken, and still pursued now, in service to the god) amounts to ‘caring for the best possible condition of the soul’. By holding back Socrates whenever he was inclined to go into politics, his daimonion has made it clear that Socrates’ service to the city should be restricted to his care for the soul of the individual” (VAN RAALTE, 2004, p. 300).

Em virtude desse processo de subjetivação, cabe a este texto a necessidade de inquirir o estatuto da subjetividade no que diz respeito à ação política cuja referência é a *parresía* nas obras de Foucault. Um texto publicado em 1982, com o título *O Sujeito e o Poder*⁵, torna compreensível a matéria da subjetividade e de como ela é conteúdo de primeira grandeza em toda obra do filósofo francês. A este artigo interessa analisar o tema da subjetividade em relação às práticas políticas que trazem algum conteúdo da noção de *parresía*. No final da passagem, o autor também indica que sua obra se desenvolveu e se ocupou com o tema do sujeito:

As ideias que eu gostaria de discutir aqui não representam nem uma teoria nem uma metodologia. Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu

⁵O texto FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder” está em anexo no livro: DREYFUS, H., RABINOW, P. Michel *Foucault: uma trajetória filosófica*. (Trad. Vera Porto Carrero). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, pp. 273-295.

trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. (FOUCAULT, 2013, p. 273).

Esta breve citação pode ser interpretada à luz de uma passagem de 1984⁶, em que o autor faz um resumo do seu trabalho intelectual e do seu trabalho em curso. O primeiro destaque deste texto, ainda que seja secundário, é o fato de Foucault se colocar na tradição Kantiana de uma história crítica do pensamento. Para ele, estar inserido na tradição filosófica kantiana significa precisamente:

Determinar o que deve ser o sujeito, a que questões ele se submete, qual o seu *status*, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele tipo de conhecimento; em suma trata-se de determinar o seu modo de “subjetivação” (FOUCAULT, 2006, p. 235).

Determinar em cada caso próprio a modalidade de subjetivação faz pressupor que não existe subjetividade perfeita, pronta e imutável, que não há alguma forma de subjetividade constante e sempre idêntica a si mesma. No artigo *Lecturas de la crítica foucaultiana a la subjetivación* está proposto que Foucault trata muito mais de subjetivação do que do sujeito; neste caso, interessaria mais ao filósofo descobrir sob que condições, que regime moral constitui determinado tipo de sujeito. Em certo sentido concordamos com o autor, pois investigar o sujeito seria considerá-lo perene e idêntico. No caso é mais significativo compreender o processo de subjetivação do que o sujeito ele mesmo, pois nestes processos de subjetivação não há como deixar de lado aspectos das formas de organização política, tema principal desta tese: “Se propone por el contrario, hablar más de subjetivación que de sujeto, indagar los ámbitos y procesos en los que la subjetividad se constituye, siempre diferente, siempre otra, siempre vulnerable”. (ROJO, 2013, p. 278).

Em suma, implica, em certo sentido, a suspeita de que as noções de essência humana, de natureza humana e toda filosofia prática e teórica construída sob a justificação destes pressupostos possuem algum tipo de imprecisão, desde suas bases. Em outras palavras, é um tipo de ceticismo com relação a tudo aquilo que Foucault chama de “universal antropológico” (FOUCAULT, 2006, p. 237), que para ele carece de experimentação e análise crítica. Como está dito: “Tal vez la única constante de la filosofía foucaultiana sea precisamente evitar las constantes, estudiar desplazamientos, declives y rupturas, dejar de lado lo universal y lo

⁶ Em 1984 Michel Foucault escreveu uma apresentação e uma biografia sobre si mesmo para *Dictionnaire des philosophes*, P.U.F., Paris, 1984, pp. 941-944, texto que seria assinado por Maurice Florence. No Brasil o texto está no Volume V da coleção *Ditos e Escritos*, pp. 234-239.

universalmente necesario” (ROJO, 2013, p. 279).

Além disso, o autor de *L'Ordre du discours* analisa a própria produção filosófica e salienta três movimentos através dos quais os processos de subjetivação se fizeram presentes no seu trabalho arqueo-genealógico. Neste sentido, é melhor deixar o autor falar por ele mesmo:

O primeiro é o modo da investigação, que tenta atingir o estatuto de ciência, como, por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na *grammaire générale*, na filologia e na linguística. Ou, ainda, a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e na economia. Ou, um terceiro exemplo, a objetivação do simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia. Na segunda parte do meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que eu chamarei de "práticas divisoras". O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os "bons meninos". Finalmente, tentei estudar — meu trabalho atual — o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. Por exemplo, eu escolhi o domínio da sexualidade — como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de "sexualidade". Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa. (FOUCAULT, 2013, p. 273-274).

Em *Le Gouvernement de Soi et des Autres* (FOUCAULT, 2010b, pp. 05-07), curso de 1982-83, o filósofo conduz com seus ouvintes uma análise em três momentos da própria obra. Para ilustrar esse momento de reflexão sobre a própria obra, cita-se uma passagem deste curso em que Foucault aborda a importância da análise crítica dos modos de subjetivação para arquitetônica do terceiro momento da sua obra:

Enfim, em terceiro lugar, tratava-se de analisar o eixo de constituição do modo de ser do sujeito. E aí o deslocamento consistiu em que, em vez de se referir a uma teoria do sujeito, pareceu-me que seria preciso tentar analisar as diferentes formas pelas quais o indivíduo é levado a se constituir como sujeito (FOUCAULT, 2010a, p. 06).

Foucault trabalha com a oposição entre este mesmo sujeito ético – aquele que cuida de si – e o sujeito do conhecimento e, neste caso, há um atravessamento entre saber, poder e ética que, que para este estudo é uma hipótese forte e a base de uma filosofia política, nos últimos anos da produção acadêmica, em Michel Foucault. No texto “*Situação do curso*”, que é um apêndice escrito por Frédéric Gros e está colocado no final da edição de *A Hermenêutica do Sujeito*, há a explicitação destas oposições. Numa frase, sintetiza:

A oposição entre a Antiguidade e a Idade Moderna é então cunhada de modo diferente, mediante duas alternativas conceituais, entre filosofia e espiritualidade, entre cuidado de si e conhecimento de si”. Distingue o sujeito moderno, “a priori capaz de verdade” e o sujeito antigo, “sujeito ético de ações retas (GROS, In.:FOUCAULT, 2010b, p. 471).

De um lado, a “descrição” da verdade, que pode ser “lida” nas práticas e posturas; de outro, a “decifração” da verdade na intimidade das almas ou “no segredo das consciências” (GROS, In.: FOUCAULT, 2010b, p. 471). Neste caso, o problema é encontrar a possibilidade formação de subjetividade política que reúna minimamente o princípio do *Éthos*, da *Alétheia*, e da *Polítéia* sem cair na exclusividade e na oposição destas bases.

Este texto trata de uma filosofia política embasada no modo de vida ético que seria a capaz de reunir não só a ética, mas a verdade e a política cujas formas de atuação sobre as condutas dos outros e das condutas de si de maneira a: “Liberar al hombre del hombre de manera que liberarnos del hombre mismo se insinúa como objetivo ético-político que entraña la modificación de la actual forma de ser del sujeto”(ROJO, 2013, p. 298). Neste sentido se faz muito importância de uma espiritualidade política como desdobramento de uma pesquisa futura.

Como já foi destacado acima, há uma suspeita sobre todo universal antropológico, dessa forma, não é a análise dos fundamentos universais e das perspectivas transcendentais que apontará qual a natureza humana primária e qual o fundamento último de sua ética e de uma possível ação política. Perceber os condicionantes históricos que permitiram sermos o que somos, fazermos o que fazemos e pensar o que pensamos é razão maior que leva Michel Foucault aos modos de subjetivação dos gregos e até opor a subjetividade antiga e a subjetividade moderna.

Estas oposições condicionarão, por assim dizer, a descrição histórica que Foucault produz em seus cursos e em seus livros e os recortes epistêmicos que faz para colocá-los em prática. Na obra publicada, em especial em *L'Usage des plaisirs*, de 1984, o filósofo questiona a que princípios e a que justificações o indivíduo deve se referir para obter prazer como convém a ponto de se constituir sujeito moral da própria conduta sexual. Na formação da conduta moral sexual antiga, não entra em questão a universalização da regra e a postulação de leis universais. Ao contrário, escreve Foucault: “É questão de ajustamento, de circunstâncias, de posição pessoal” (FOUCAULT, 2010a, p. 77).

Em 1981, Foucault ministra o curso *Subjectivité et Verité*, o qual é prenúncio de *O Uso dos Prazeres* e do *O Cuidado de si* – os volumes seguintes do projeto da *História da*

Sexualidade e, a partir de textos gregos sobre medicina e tratados sobre o casamento, problematiza a moral sexual. Dentre suas análises aparece uma hipótese política sobre as vantagens do casamento. A passagem do curso permite sustentar a hipótese de que os estudos sobre a subjetividade e sobre a ética em Michel Foucault não podem ser conduzidos em separado de questões políticas, como era a questão do casamento entre os antigos gregos:

O casamento é útil, vantajoso não só para o indivíduo, mas também para os outros. Para a cidade principalmente, pois o casamento permite que o homem forneça à cidade por sua descendência, braços fortes para defendê-la e famílias que, ao longo das gerações permitirão que a cidade sobreviva a si mesma (FOUCAULT, 2016, p. 98).

Com o propósito de levar a cabo a genealogia das práticas (*techne*) que orientam a ação do sujeito, de acordo com o momento e com o contexto no qual está inserido, e em referência aos seus próprios fins, que, na primeira hora da aula de 06 de janeiro de 1982, do curso *L'Herméneutique du sujet*, o filósofo francês apresenta o tema do *cuidado de si* (*epiméleiaheautoú*) como um fenômeno cultural decisivo na história do pensamento ético-político grego. Sócrates, o professor, diagnosticou que faltava cuidado de si a Alcibíades para enfrentar os desafios da atividade política e afirma:

A questão do cuidado de si não aparece como um dos aspectos de um privilégio estatutário. Aparece, ao contrário, como uma condição, condição para passar do privilégio estatutário que era o de Alcibíades (grande família rica, tradicional, etc.) a uma ação política definida, ao governo efetivo da cidade. Como vemos, "ocupar-se consigo" está, porém, implicado na vontade do indivíduo de exercer o poder político sobre os outros e dela decorre. Não se pode governar os outros, não se pode bem governar os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros, em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo. Entre privilégio e ação política, este é, portanto, o ponto de emergência da noção de cuidado de si (FOUCAULT, 2010b, p. 35).

A ação política que implica em liberdade de palavra e coragem para enfrentar o conflito na comunidade política e os riscos da palavra verdadeira são condições para a estruturação de uma ação ético-política na democracia e não há dúvidas de que precisam passar pela prática do cuidado de si. Tal foi o conselho de Sócrates a Alcibíades quando este quis tomar parte na comunidade política. O autor do livro *Foucault on the Politics of Parrhesia* revela que a *parresía* engloba estes elementos e, por essa razão, se pôs a tratar do tema:

Freedom goes together with courage, because the one who speaks freely and truthfully puts oneself at risk. Thus, conceived parrhesia links up with public political reasoning, critical engagement, political freedom and personal integrity, which are essential components of a democratic ethos cultivated in a democratic political community. This political aspect of parrhesia has captured my attention and is the major concern for Foucault” (DYRBERG, 2014, p. 03).

Por outro lado, nas duas horas da primeira aula do curso de 1982, o autor de *L'Archéologie du savoir* chama a atenção de seus ouvintes para a importância do “momento cartesiano” na ‘desqualificação’ do cuidado de como ele serviu de base para a reestruturação e supervalorização do conhecimento de si. O filósofo francês expõe, em especial na segunda hora desta primeira aula, que a arquitetônica genealógica de um estudo sobre a história do cuidado de si comportaria, esquematicamente, três momentos:

Neste ano - e repito, ressalvadas minhas imprudências cronológicas e minha incapacidade de cumprir o emprego do tempo -, tentarei isolar três momentos que me parecem interessantes: o momento socrático-platônico, de surgimento da *epiméleiaheautoúna* reflexão filosófica; em segundo lugar, o período da idade de ouro da cultura de si, da cultura de si mesmo, do cuidado de si mesmo, que pode ser situado nos dois primeiros séculos de nossa era; e depois a passagem aos séculos IV-V; passagem, genericamente, da ascese filosófica pagã para o ascetismo cristão (FOUCAULT, 2010b, pp. 29-30).

Foucault adverte na passagem acima que comete certas imprudências e até possui alguma incapacidade para expor esquematicamente os temas que se propõe a discorrer no andamento do curso de 1982. Situação que, após a leitura do conjunto do curso *A Hermenêutica do Sujeito*, fica manifesta e, portanto, Foucault não dá conta dos temas que pretendia desenvolver no curso daquele ano. Esta questão também é posta no artigo - *A Propósito do Título A Hermenêutica do Sujeito*:

O Curso de 1982 não percorrerá todos estes momentos ou não os abordará na mesma proporção. A análise do momento socrático-platônico ocupa somente as duas primeiras aulas (de 06 e 13 de janeiro), embora existam remissões a seu respeito ao longo de todo o Curso. As referências ao cristianismo são breves e Foucault efetivamente não as desenvolve. Também não desenvolve o mencionado “momento cartesiano”. Assim, a aproximação histórica do Curso, em magnitude e em detalhes, é de fato consagrada ao estoicismo e ao epicurismo, mais ao primeiro que ao segundo” (MUCHAIL, 2009, p. 83).

Não é um tema central deste texto pontuar as discontinuidades e fissuras na construção do pensamento foucaultiano. Mas para o trabalho é relevante debater e perscrutar a genealogia da ética e da política, que Foucault admitiu em vários textos citados acima, e

analisar a continuidade desta metodologia no seu período de “maturidade”, na ocupação com questões ético-políticas – tema central no pensamento tardio e deste trabalho doutoral. Michel Foucault não se interessa tanto pela descrição histórica dos desdobramentos deste sujeito e sua posição no espaço da política num passado específico, mas pela análise do presente como um fato filosófico.

Tal é a descrição que lemos no livro *Foucault Simplesmente* quando a autora escreve sobre o modo como Foucault lê os filósofos: “As filosofias só estão associadas às investigações históricas do passado para possibilitar um olhar mais atento sobre nosso tempo. Em outras palavras, para que elas possam ser o que devem ser, a saber, diagnóstico do presente. A compreensão da filosofia como "diagnóstico" é, em vários momentos e de muitos modos, formulada por Foucault” (MUCHAIL, 2004, p. 93). Com base nesta premissa, busca-se compreender a proveniência da ética e da política com todas as suas fissuras, inversões, erros e tomadas de decisão que a genealogia serve como metodologia de diagnóstico tal como escreve Foucault:

Parece-me que a aposta, o desafio que toda história do pensamento deve suscitar, está precisamente em apreender o momento em que um fenômeno cultural, de dimensão determinada, pode efetivamente constituir, na história do pensamento, um momento decisivo no qual se acha comprometido até mesmo nosso modo de ser de sujeito moderno (FOUCAULT, 2010b, p.11).

No intuito de apreender a emergência e o aparecimento dos problemas éticos-políticos da atualidade, Michel Foucault se propõe a condução de uma genealogia crítica da atualidade. Por isso se faz necessário alcançar a noção de presente como problema filosófico e de como os problemas de ordem da verdade, da política e da ética entram em cena nesta mesma na atualidade.

Considerações finais

O propósito deste texto foi o de propor uma discussão entre poder e verdade a fim de propor uma análise sob as possibilidades da constituição uma subjetividade ético-política. A partir de uma perspectiva histórica para que oportunizou a colocação da noção *deparresía*. Assim tratamos de uma ação política que se mede pela prática e pelo exercício de si, isto é, com a constituição de uma subjetividade ética da própria conduta política. Nesse ínterim estabelecemos o importante cruzamento entre saber, poder e moral como fundamento de uma virtude ético-política que veio a resultar mais adiante na noção de espiritualidade política.

Em virtude desta trama de forças e jogos entre poder, sujeito e verdade é que, para Foucault, torna-se realidade uma atitude crítica, que não acontece em função de uma realidade específica porvir. Ora, tal atitude crítica se remete ao fato de que o indivíduo precisa se ater à sua atualidade, mesmo que para tal precise recorrer a outras formações epistêmicas, políticas e éticas que o sucederam em alguma longevidade histórica para compreender e cuidar do seu presente, que se constitui por tramas de relações que combinam verdade, sujeito e poder.

Em contrapartida, os trabalhos de Michel Foucault dos anos 80 não estão focados em uma arqueologia da episteme, isto é, com a trama dos múltiplos saberes, mas com a existência ética e o conteúdo político da ação do sujeito que constitui a si mesmo na relação de si para consigo, nas obrigações que os códigos morais impõem de fora, bem como toda forma de governamentalidade que tem por fim o condicionamento da ação deste sujeito no mundo. Por certo, em hipótese alguma o autor de *Surveiller et punir* quer fundamentar algum tipo de ação moral universal, ou estabelecer critérios objetivos para avaliar a motivação moral dos indivíduos.

Em conclusão, há uma hipótese forte para a constituição de estudos futuros é a de que a *parresía* é uma das melhores formas para pensar questões das maneiras de ser, viver e fazer humanos no âmbito da política e da ética. Fica melhor elucidada esta possibilidade se concebermos que a trajetória filosófica de Michel Foucault versa sobre a questão da política e da ética como um campo amplo de crítica e problematização e de constituição do sujeito moral, que é histórico, sofre coações da cultura, tem responsabilidades éticas e políticas e que, portanto, está situado nas circunstâncias do momento presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONNOLLY, William E. Beyond Good and Evil: The Ethical Sensibility of Michel Foucault. *Political Theory*. Vol. 21, nº 3, pp. 365-389, 1993.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*.(Trad.: Peter Pál Pelbart). São Paulo: Ed. 34, 1992.

DYRBERG, TorbenBech. *Foucault on the Politics of Parrhesia*. London: Palgrave Macmillan, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade vol. II: o uso dos prazeres*.13ª ed. (Trad.:Maria Thereza da Costa Albuquerque) Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. 3ª ed. (Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma TannusMuchail) São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. Genealogia e Poder. In.: *Microfísica do Poder*. 22ª ed. (Trad.: Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. “Technologies of the self”. In.: Luther H. Martin *et al* (orgs). *Technologies of the self – a seminar with Michel Foucault*. University of Massachusetts Press, 1988.

_____. Sobre a Genealogia da Ética: um panorama do trabalho em curso. In.: DREYFUS, H., RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2ª ed. (Trad.: Vera Porto Carrero e Gilda Gomes Carneiro) Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 296-313, 2013.

_____. *Subjetividade e Verdade. Curso dado no Collège de France, 1980-1981*. (Trad.: Rosemary Costhek Abílio). São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GROS, Frédéric. Situação do Curso. In: FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros* (Trad.: Eduardo Brandão). MartinsFontes: São Paulo, 2010c.

NAVARRO, Pablo Pérez. Dar cuenta de la interpelación: inscripción de la alteridad y construcción del sujeto ético. *Daímon: Revista Internacional de Filosofía*, Madrid, nº 49, pp. 21-33, 2010.

PARDO, Rafael Gomés. La problemática ética en la obra de Michel Foucault. *Ideas y Valores*. Bogotá, v. 41, nº 87-88, 1992.

ROJO, Gabriel Terol. Lecturas de la crítica foucaultiana a la subjetivación. *Thémata. Revista de Filosofía*, Madrid,nº47, pp. 273-300, 2013.

VAN RAALTE, Marlein. Socratic Parrhesia and Its Afterlife In Plato's Laws. In: SLUITER, I. and ROSEN, R. M. (eds.) *Free Speech in Classical Antiquity*. Boston: Brill Leiden, pp. 279-311, 2004.